

POEMA PARA UM BURACO NEGRO

José D'Assunção Barros*
joseassun57@gmail.com

Ninguém escreve poemas
em honra aos buracos negros
– Todos querem as estrelas –.

Somente os brilhos delas, cantados e decantados,
transfiguram-se em profecias, prenúncios e presságios.
Na boca inflada dos pregadores desesperados,
anunciam boas novas e seminovas!
Na letra insana dos poetas,
queimam paixões incandescentes...

Todos os amam – aos brilhos das estrelas –.
Os poetas, fotógrafos... amantes e namorados!
Mas também os mais sisudos astrônomos
que os deformam em frios cálculos...

Como eles adoram as estrelas!
E as mulheres que ascendem belas
à admiração de todas as telas
são classificadas entre elas.

Tecem-lhes rimas: às mulheres e estrelas...
Do Sol, dizem-lhe que é o pai das cores, que traz a vida;
erigem-lhe imponentes monumentos e antenas solares,
transformam-no em deuses os mais diversos.

Mas... *e quanto aos buracos negros?*
A eles... jamais dedicam versos.
Certamente que todos sabem
(porque os astrônomos já nos disseram):

* Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994), graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). É Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História, e Professor-Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.



os buracos negros
são estrelas que envelheceram;
são majestosas massas que sucumbiram
ante o magnífico peso de sua própria glória.

É insinuação recorrente:
os buracos negros são estrelas
cujo peso colossal as tornou egoístas
de sua própria luz.
São estrelas belas e poderosas
que depois do Baile das Supernovas
recolheram-se, saciadas, à paz da história.

Cada um deles carrega, oculta, uma memória;
cada um deles já deu luz a deslumbrantes mundos
e alguns se tornaram regentes da sua própria galáxia.

Todos compreendem isso nos manuais de Física;
e, no entanto, para eles não escrevem versos.
Os buracos negros – as negras mortalhas –
são como aquelas mulheres tão belas
de que todos já se esqueceram.

Mas elas estão ali:
Vivas, por fim eternas,
envoltas por seus mistérios.
Tão orgulhosas, quanto ternas.
E todas – *todas* – merecem versos.

Arre! Estou farto das estrelas brancas,
cintilantes e tão brilhosas!
Tragam-me as negras,
as estrelas ocultas
que merecem os nossos versos!

Tragam as verdadeiras rainhas
que dormem secretas
no fundo dos universos!